

Psicanálise e Metapsicologia:  
Transições Entre Experiência e Representação

**Psychoanalysis and Metapsychology:  
Transitions Between Experience and Representation**

Guilherme Olivier da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo compreender o que significa a elaboração e a apresentação da teoria metapsicológica de Freud e a importância do conceito de pulsão no conjunto de modelos conceituais que a embasam. Primeiramente, sugere que a metapsicologia se distancia da experiência a fim de aproximar-se das representações que dela são feitas. Em seguida, a noção de ‘aparelho psíquico’ é analisada como a metáfora principal que guia a construção metapsicológica. Os pontos de vista tópico, econômico e dinâmico são discutidos à luz das abstrações promovidas pela teoria psicanalítica. Por fim, esse caminho conduz a uma análise a respeito da implicação do conceito de pulsão, bem como dos representantes pulsionais, e da teoria das pulsões para o trânsito entre experiência e representação efetivado pela metapsicologia freudiana.

**Palavras-chave:** metapsicologia; experiência; representação; pulsão; teoria das pulsões.

**Abstract:** This article intends to understand what is the meaning of the words elaboration and presentation in Freud’s Metapsychological Theory and the importance and the dimension of the concept of ‘drive’ (in German *trieb*) in all his conceptual paradigms which support the theory. First, this article proposes that Metapsychology withdraws from experience in order to come closer to the representations made about it. After that, the idea of ‘psychic apparatus’ is analyzed as the most important metaphor that conducts the Metapsychological building. Topic, economical and dynamical aspects are discussed under the point of view of the abstractions promoted by the psychoanalytical theory. At last, that way conducts to an analysis about the implication of the drive (*trieb*) concept, as well as the drive representatives and the drive theory for the connections between experience and representation made by Freud’s Metapsychology.

**Keywords:** metapsychology; experience; representation; drive; drive theory.

*“Ouvimos muitas vezes a opinião de que uma ciência deve se edificar sobre conceitos básicos claros e precisamente definidos, mas, na realidade, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste muito mais na descrição de fenômenos que são em seguida agrupados, ordenados e*

---

<sup>1</sup> Psicólogo. Membro do CIPT. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica. E-mail: [guilherme.olivier@hotmail.com](mailto:guilherme.olivier@hotmail.com)

*correlacionados entre si. Além disso, é inevitável que, já ao descrever o material, apliquemos sobre ele algumas idéias abstratas obtidas não só a partir das novas experiências, mas também oriundas de outras fontes. Tais idéias iniciais – os futuros conceitos básicos da ciência – se tornam ainda mais indispensáveis quando mais tarde se trabalha sobre os dados observados. No princípio, as idéias devem conter certo grau de indefinição, e ainda é possível pensar em uma delimitação clara de seu conteúdo. Enquanto elas permanecem nesse estado, podemos concordar sobre seu significado remetendo-nos repetidamente ao material experiencial a partir do qual elas aparentemente foram derivadas; contudo, na realidade, esse material já estava subordinado a elas.”*

*Sigmund Freud*

Este trabalho tem como objetivo compreender o que é a metapsicologia – termo criado por Sigmund Freud para determinar e nomear a psicologia por ele fundada – e, mais especificamente, investigar a importância da teoria das pulsões na elaboração do conjunto de modelos conceituais que a embasam.

Metapsicologia diz respeito, antes de qualquer coisa, a uma psicologia que transcende o alcance da Psicologia, neste caso, entendida como tradicional, científica etc. Enquanto a Psicologia é dependente da constatação e da verificação dos fenômenos psíquicos e do comportamento, por conseguinte, daquilo que existe efetivamente, a primeira estuda, pesquisa e discorre sobre o que está, grosso modo, além da realidade dos fatos.

Na primeira parte deste trabalho, além da definição de metapsicologia, será abordado o distanciamento da experiência realizado pela teoria psicanalítica levando-se em conta a necessidade dessa teoria – imposta pelo seu objeto de estudo, o inconsciente – de apelar a abstrações no momento de construção dos seus enunciados e de dialogar, constantemente, com a Filosofia e com a Ciência.

Ora, se metapsicologia implica um afastamento da experiência, não é a pulsão – aquilo que está, conforme a sua definição clássica e cabal, na fronteira entre o somático e o psíquico – um conceito fundamental para a Psicanálise e, mais do que isso, uma idéia necessária para o seu próprio entendimento? Desse modo, na segunda parte, a fim de completar o trânsito entre experiência e representação, discute-se o conceito de pulsão e a sua relevância para a

metapsicologia freudiana. A noção de pulsão, mais do que uma definição em sua dimensão teórica, não é indispensável à compreensão de toda a série de conceitos elaborados por Freud na sua metapsicologia? Esse conceito não traz consigo aspectos essenciais aos demais conceitos empregados pela Psicanálise e, portanto, não ocupa nela um lugar privilegiado?

Para tentar responder essas perguntas, serão abordadas algumas definições iniciais de Freud com referência à metapsicologia presentes na troca de correspondências com o seu amigo mais íntimo, Wilhelm Fliess, no período que abrange o nascimento e o desenvolvimento da Psicanálise, no final do século XIX e início do XX. Em vez de basear-se estritamente em definições dicionarizadas, bem como em conceitos técnicos da teoria psicanalítica, este trabalho objetiva explorar, ainda que parcialmente, as cartas de Freud destinadas a Fliess. Dos desabaços de Freud proferidos a um amigo aos seus postulados técnicos e teóricos: esse é o percurso a ser realizado por este trabalho.

Da mesma forma, alguns escritos de Freud, amparados por outros três a respeito da formação do inconsciente e da sua implicação na psicopatologia, que são os textos conhecidos como ‘trabalhos metapsicológicos’ (*Pulsões e destinos da pulsão, O inconsciente e Luto e melancolia*), constituem material de referência deste trabalho.

A investigação aqui proposta será realizada por meio de pesquisa documental, tendo como apoio determinados livros de Joel Birman, Luiz Alfredo Garcia-Roza, Luís Cláudio Mendonça Figueiredo e Renato Mezan. As obras desses autores brasileiros servirão como material de referência à discussão sobre o termo metapsicologia, bem como sobre a implicação do conceito de pulsão e da teoria das pulsões no advento da metapsicologia freudiana.

O uso freqüente de citações integrais dos autores citados no parágrafo acima, bem como dos escritos e das cartas de Freud, é motivado pela intenção essencial deste trabalho: pôr em discussão os conceitos de metapsicologia e de pulsão, buscando investigar o que já foi escrito sobre esse tema. Freud, certamente, é quem mais está autorizado a se manifestar. Daí, obviamente, a presença maciça dos textos freudianos ao longo deste trabalho. Outro fator importante é que, por natureza, o objeto deste trabalho (o conceito de metapsicologia e a implicação das pulsões na sua construção) comporta dificuldades que somente serão superadas passando a palavra aos que detém saber sobre ele.

É necessário assinalar e tentar compreender alguns aspectos determinantes à elaboração e ao advento da metapsicologia. Mais do que simplesmente responder a questão ontológica que intitula e norteia a primeira parte deste trabalho ('O que é a metapsicologia?' – indagação que indica a possibilidade do questionamento a respeito da natureza da metapsicologia, do que ela é), deve-se perguntar qual é a relação da metapsicologia com a clínica e com o discurso científico e, ainda, situá-la como um entendimento clínico.

A investigação sobre o significado do termo metapsicologia e, posteriormente, da teoria das pulsões possibilitará o esclarecimento de três conceitos importantes para a Psicanálise: representantes das pulsões, representação e afeto.

### **O Que É a Metapsicologia?**

Neste trabalho, com o propósito de esclarecer o que designa o termo metapsicologia, é imprescindível procurar definir, primeiramente, o que é a Psicanálise. Além disso, levando-se em conta a importância da metapsicologia enquanto base de sustentação teórica à prática psicanalítica, deve-se acrescentar que também é pertinente descrever quais são as novidades e os efeitos das hipóteses da teoria freudiana.

### **Uma Breve Definição de Psicanálise**

A Psicanálise é uma disciplina fundamentada em pressupostos teóricos que são revisitados e alterados conforme o andamento da sua investigação, desde o início de seus estudos, no final do século XIX. Sigmund Freud (1923), o fundador da Psicanálise, tratou de concebê-la como uma disciplina na qual se podem distinguir três planos: a) um modo de proceder investigativo que procura evidenciar os significados inconscientes das atitudes, das palavras, das ações, dos sonhos, dos devaneios, dos sintomas mórbidos etc., cuja base do processo de interpretação desse procedimento investigativo é a fala que se desenvolve por meio do método ou da regra de associação livre; b) um modo de proceder psicoterapêutico baseado no método investigativo e orientado pela interpretação da resistência do paciente, da transferência (a relação que ele mantém com o psicanalista), assim como do seu desejo; c) uma reunião de teorias psicológicas e psicopatológicas na qual os materiais obtidos são sistematizados pelos dois modos de proceder, o investigativo e o psicoterapêutico.

O plano expresso no terceiro item, “[...] uma reunião de teorias psicológicas e psicopatológicas [...]”, adquire relevância porque é produto só e tão-somente da confluência dos dois primeiros planos ou procedimentos, o investigativo e o psicoterapêutico. À luz da Psicanálise, pesquisa (investigação) e clínica (psicoterapia) não são atividades separadas, dissociadas. Uma depende da outra. Elas estão intimamente vinculadas. A pesquisa psicanalítica não faz sentido se não estiver acompanhada pela clínica, e vice-versa.

Àquela reunião de teorias psicológicas e psicopatológicas, que sistematiza os materiais obtidos pela pesquisa psicanalítica e pelo trabalho psicoterápico, Freud deu um nome e um estatuto privilegiado. O fundador da Psicanálise construiu um entendimento psicanalítico à luz de uma linguagem conceitual própria – denominada metapsicologia – para dar conta dos fenômenos psíquicos inconscientes percebidos na prática clínica. Pode-se entender a metapsicologia como o saber de referência da Psicanálise e a base na qual se assenta a teoria psicanalítica.

### **Abstrações Metapsicológicas**

O termo metapsicologia designa o conjunto de proposições hipotéticas que visam sustentar o discurso freudiano. Entenda-se por ‘discurso freudiano’ todo o arcabouço teórico da Psicanálise. Metapsicologia refere-se a um tipo de psicologia que, por meio de recursos da linguagem – como, por exemplo, imagens, comparações, figuras, metáforas etc. –, versa sobre os fenômenos psíquicos inconscientes constatados na clínica, mas que não são verificados materialmente enquanto entidades substanciais. Esses fenômenos explorados pela Psicanálise, não obstante o fato de serem percebidos apenas por meio de abstrações, configuram-se como manifestações do psiquismo. A fim de estabelecer uma prática de pesquisa e de tratamento da subjetividade humana, a metapsicologia criada por Freud almeja circunscrever teoricamente o modo de funcionamento da vida psíquica.

Metapsicologia é o termo criado por Freud com o seguinte objetivo:

[...] designar a psicologia por ele fundada, considerada na sua dimensão mais teórica. A metapsicologia elabora um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência, tais como a ficção de um aparelho psíquico dividido

em instâncias, a teoria das pulsões, o processo do recalque, etc. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 284)

A metapsicologia, mais do que designar um tipo de psicologia, diz respeito à elaboração de um conjunto de modelos conceituais que se afastam da experiência, tal como uma ficção. O termo ‘experiência’ aqui quer dizer, sobretudo, aquilo que se observa na experiência clínica. As ressonâncias das idéias de ‘elaboração’ e ‘ficção’, utilizadas acima, na definição do *Vocabulário da psicanálise*, segundo Mezan (1995), exigem a escuta psicanalítica, pois extravasam o campo puramente descritivo e abrem caminho para a associação:

Em *elaboração* está presente a idéia de trabalho, central no pensamento de Freud e, em especial, no registro econômico-dinâmico, isto é, no registro mesmo daquilo que a definição visa capturar: o aparelho psíquico executa um trabalho de metabolização e de controle das excitações [...]. (MEZAN, 1995, p. 34)

A condição da Psicanálise de persistir elaborando modelos conceituais distantes da experiência é análoga ao estado do seu objeto de estudo, o psiquismo, que está em constante atividade. É preciso elaborar o funcionamento do psiquismo para, então, formalizá-lo e registrá-lo diante das suas manifestações. Dispor as partes que o compõem, arranjar num esquema mecânico no qual essas partes são qualificadas e quantificadas, é tentar compreender os fenômenos psíquicos inconscientes baseando-se em ficções. Sobre o aspecto ficcional envolvido na definição do conceito de metapsicologia, o mesmo autor sugere:

Mas são sobretudo as reverberações do termo *ficção* que merecem reter nosso interesse, porque deixam entrever um parentesco à primeira vista bastante estranho: com efeito, é na mesma frase que se insinuam, uma ao lado da outra, as palavras “ficção” e “teoria.” (MEZAN, 1995, p. 34)

A concepção de ‘aparelho psíquico’, por exemplo, aproxima-se de um discurso ficcional, mitológico, conforme será explicitado mais adiante. Porém, a própria teoria, independentemente da área do saber a que ela pertence, pode ser compreendida como uma construção ficcional. A linha que separa ‘teoria’ e ‘ficção’ é tênue. No âmbito do conhecimento, toda e qualquer teoria científica aproxima-se de um discurso ficcional. Essa característica, portanto, não é exclusividade da Psicanálise, mesmo que a crítica já consagrada de que a teoria psicanalítica não é científica, pois fantasia uma série de aspectos que não podem ser verificados empiricamente, seja sempre retomada. Ainda o mesmo autor, a respeito da abstração metapsicológica, propõe a seguinte reflexão:

O pensamento abstrato, reino da metapsicologia, também é uma forma de elaboração: no caso, elaboração de modelos mais ou menos distantes da experiência – leia-se, da experiência clínica – e que, como todo trabalho, nega o dado imediato enquanto imediato, buscando a sua forma de constituição. (MEZAN, 1995, p. 34)

Numa carta a Fliess, de 17 de dezembro de 1896, redigida em Viena, Freud (apud MASSON, 1986, p. 216) expressa aflição pela proximidade da sua teoria metapsicológica com o terreno da fantasia e, ao mesmo tempo, contentamento pela atenção dada pelo seu amigo:

Fico muito satisfeito, porém, com a recepção dada a minhas fantasias. Sei que você as coloca no lugar certo, investiga esses pontos de vista um pouco mais e não me encara nem como um devaneador, pelo fato de eu comunicar essas coisas incompletas, nem como um tolo, que, por essa razão, acredita estar acima da investigação minuciosa e da correção. Tratam-se de sínteses e *working hypotheses* (hipóteses de trabalho), que espero podermos trocar um com o outro sem preocupação. (apud MASSON, 1986, p. 216)

A negação do dado imediato por parte da Psicanálise levanta algumas objeções científicas. A questão que envolve a cientificidade da Psicanálise é antiga. Porém, o aspecto figurado dos modelos conceituais mais abstratos da Psicanálise não é um vício de origem, mas a própria marca do trabalho de reflexão, de pensamento. Opor o aspecto ficcional ao teórico é irrelevante, como se o primeiro fosse da ordem da imaginação e o segundo da cientificidade rigorosa. Mesmo porque, as marcas da imaginação presidem a elaboração de toda construção teórica.

A teoria metapsicológica é a forma originária pela qual Freud pôde fundar e instituir a sua psicologia. Ao recorrer a conceitos distantes da experiência (aliás, essa é a característica de todo e qualquer conceito), portanto, a especulações, Freud valeu-se do seguinte argumento: essa recorrência também é feita pelos demais discursos científicos e mesmo pela Física, que, naquela época, era considerada como o modelo de cientificidade. As experiências clínicas são o campo de verificação – exigência máxima da ciência – dos enunciados metapsicológicos. O que importa perceber é que a Psicanálise também transita no espaço composto pela experiência e pelas representações que dela são feitas.

Sobre o trânsito entre experiência e representação, Figueiredo afirma:

[...] as metapsicologias [...] se configuram mais nitidamente como sistemas de representação teóricos, descarnados e descontextualizados. Talvez uma das virtudes e tarefa desses discursos metapsicológicos esteja vinculada exatamente à resistência destes discursos a qualquer tentativa de assimilação precipitada ao campo das experiências [...]. (FIGUEIREDO, 2004, p. 126)

Na mesma carta, citada anteriormente, Freud (apud MASSON, 1986, p. 216) prevê que, na metapsicologia, é necessário construir hipóteses sobre o espaço intermediário entre o puramente empírico e o representacional:

Espero que ele [o terreno<sup>2</sup>] tenha tal extensão que aí possamos construir juntos algo de definitivo e, dessa forma, mesclar nossas contribuições a ponto de nossas propriedades individuais não mais serem reconhecíveis. Afinal, só consigo recolher fatos na esfera psíquica e você, na organológica; as intermediárias precisarão de hipóteses. (apud MASSON, 1986, p. 216)

É desse modo que, ainda na mesma carta, Freud anuncia a sua teoria que, lentamente, estava sendo forjada: “Escondida bem no fundo disso está minha cria idealizada e acabrunhada – a metapsicologia.” (apud MASSON, 1986, p. 217).

### **Psicanálise, Ciência e Filosofia**

Pelo fato de a teoria psicanalítica construir hipóteses baseadas em dados distantes da experiência, valendo-se da ficção para tentar circunscrever teoricamente o psiquismo, há divergências entre a Psicanálise, a Ciência e a Filosofia. Entretanto, algumas intenções e movimentos teóricos tratam de aproximá-los. A Psicanálise estabelece relação com a ciência na medida em que procura estruturar um saber e controlar a sua investigação.

A metapsicologia é, conforme Assoun (1996, p. 31), “[...] o que apela, contra a ‘psicologia’, para a necessidade de fazer justiça aos ‘processos que levam para além do consciente’” (grifos do autor). Trata-se, nesse sentido, de tentar conquistar o inconsciente para a Psicologia, retomando a pretensão metapsicológica de ascender ao nível de ciência. É desse

---

<sup>2</sup> Para que se estabeleça um terreno comum de trabalho entre Freud e o seu amigo, é preciso que ocorra uma transição entre a dimensão material, vinculada à área médica, na qual o conceito surge do objeto observado, e a imaterial, que é típica dos estudos psicológicos baseados na Psicanálise, os quais também dependem não só do objeto que é inapreensível, o inconsciente, mas também, paradoxalmente, do próprio conceito que consiga traduzi-lo, manifestá-lo.

modo que a Psicanálise procura realizar a sua ambição de tornar-se disciplina científica e romper com a mera opinião no que diz respeito às discussões psicológicas.

Numa carta de 29 de novembro de 1895, em Viena, Freud (apud MASSON, 1986, p. 153) fala sobre a relação da Psicanálise e da metapsicologia com a Ciência:

Estou inteiramente perdido para a ciência; quando me sento à escrivaninha, às onze horas da noite, tenho que colar e remendar as paralisias infantis. Espero concluí-las dentro de dois meses e, a partir de então, poder utilizar melhor as impressões adquiridas no decorrer dos tratamentos. (apud MASSON, 1986, p. 153)

Mais adiante, na mesma carta, Freud (apud MASSON, 1986, p. 153) desabafa: “Não entendo mais o estado mental em que maquinei a psicologia.” Efetivamente, o fundador da Psicanálise objetivou se distanciar da maneira como a Psicologia compreende o psiquismo, mesmo que, no começo, Freud quisesse aproximar-se da Ciência. Mas foi preciso romper a ordem científica, deixá-la de lado em meio à observação puramente empírica – a prática clínica –, para que a Psicanálise pudesse se diferenciar da Psicologia. Também era intento de Freud afastar-se dos discursos mítico-poéticos, religiosos, artísticos etc.

Não foi à toa que, no começo, Freud tenha afirmado, repetidas vezes, que a Psicanálise poderia ser compreendida como uma disciplina, um saber vinculado a uma psicologia ‘profunda’. À Psicologia clássica, por outro lado, restaria averiguar os fenômenos da superfície do psiquismo, pois estaria limitada à leitura dos registros psíquicos periféricos – como, por exemplo, as faculdades da consciência, da atenção, da orientação, da memória, do pensamento, da linguagem etc. A investigação das forças psíquicas, da trama inconsciente e de seus mecanismos operatórios é competência da Psicanálise.

Por outro lado, no início, pensou-se que a construção freudiana fosse uma ‘visão de mundo’, um aporte teórico que pudesse explicar totalmente, e de modo implacável, a realidade. Dessa maneira, a Psicanálise aproximou-se da Filosofia. Freud (apud MASSON, 1986, p. 159-160), no dia 1º de janeiro de 1896, confessa a Fliess que sempre se interessou pela via filosófica:

Suas cartas, como ocorreu novamente com a última delas, contêm uma profusão de percepções e intuições científicas sobre as quais, lamentavelmente, nada mais posso dizer senão que me fascinam e me são irresistíveis. A idéia de ambos estarmos engajados no mesmo tipo de trabalho é, sem sombra de dúvida, a mais aprazível que

consigo conceber no momento. Observo que, pela via tortuosa da clínica médica, você está alcançando seu ideal primeiro de compreender os seres humanos enquanto fisiologista, da mesma forma que alimento secretamente a esperança de chegar, por essa mesma trilha, a minha meta inicial da filosofia. Pois era isso o que eu queria originalmente, quando ainda não me era nada clara a razão de eu estar no mundo. (apud MASSON, 1986, p. 159-160)

Todavia, essa aproximação da Psicanálise com a Filosofia não foi saudável, pois a teoria psicanalítica diverge sob vários aspectos do discurso filosófico: opera uma desconstrução do sujeito da consciência da Filosofia, propõe um descentramento das questões pertinentes à filosofia do sujeito (em virtude da concepção do inconsciente, as idéias de ‘eu’ e de ‘pensamento’, por exemplo, foram postas em segundo plano), aponta a importância da alteridade, do outro, em oposição ao ideal de identidade etc. Além disso, os ideais de totalização e de sistematização típicos do discurso filosófico sempre foram alheios à Psicanálise (BIRMAN, 2003). Segue abaixo uma citação sobre a desvinculação da consciência do mental e o rechaço a essa idéia:

A psicanálise, porém, não pode evitar o surgimento dessa contradição; não pode aceitar a identidade do consciente com o mental. Ela define o que é mental, enquanto processos como o sentir, o pensar e o querer, e é obrigada a sustentar que existe o pensar inconsciente e o desejar não apreendido. Dizendo isso, de saída e inutilmente ela perde a simpatia de todos os amigos do pensamento científico solene, e incorre abertamente na suspeita de tratar-se de uma doutrina esotérica, fantástica, ávida de engendrar mistérios e de pescar em águas turvas. (FREUD, 1916-17, p. 34-35)

Figueiredo (2004, p. 56) diz que “[...] é *melhor* uma teoria que teorize a *cisão* [...] de uma unidade do sujeito e de uma soberania [...] da consciência – e [...] uma teoria que [...] propicie o *trânsito* [...] com todos os *impensáveis* que deste lugar são constituídos.”

É na carta na qual Freud pede permissão a Fliess para utilizar a expressão metapsicologia, redigida em Viena, no dia 10 de março de 1898, que é marcada a distinção entre Psicanálise, Filosofia e Ciência, até porque nela os limites da consciência são excedidos explicitamente:

Parece-me que a teoria da realização de desejos trouxe apenas a solução psicológica, e não a biológica – ou melhor, metapsíquica. (A propósito, vou perguntar-lhe a sério se posso usar o nome de metapsicologia para minha psicologia que se estende para além da consciência...). (apud MASSON, 1986, p. 302)

Com efeito, a Psicanálise sempre se importou com a experiência imediata, a fala dos pacientes, na busca de compreensões e explicações mais profundas sobre o que se passa no

psiquismo. Contudo, essas explicações nunca são completas. Com relação ao confronto com o dado imediato efetivado pela Psicanálise e, mais do que isso, aos limites impostos por essa relação de proximidade com o seu objeto, Figueiredo afirma:

A concepção do inconsciente poderia ser tomada simplesmente num referencial romântico do séc. XIX, como uma psicologia das profundidades, como o próprio Freud por vezes enuncia. Mas a concepção de que a subjetividade humana é cindida e incompleta, de que o “eu” não é a totalidade nem o centro do psiquismo pode ser original, sobretudo porque a idéia de que o “eu” não é centro não é substituída pela crença de que “outra coisa” seja o centro. Em Freud não há lugar para se pensar num *self*, num “eu” verdadeiro ou numa natureza íntima. Não há um centro do inconsciente. Poderíamos entender a psicanálise como uma teoria racionalista que, no entanto, se defronta com os limites do representável. (FIGUEIREDO, 2003, p. 81-82)

Ainda assim, a respeito da proximidade da metapsicologia freudiana e do campo psicanalítico com a Filosofia e, conseqüentemente, com a metafísica, Birman faz a seguinte pontuação:

O prefixo *meta* da palavra metapsicologia indica o parentesco da teorização psicanalítica com algo que rompe com os cânones de cientificidade da ciência natural e que o discurso freudiano apresentava como da ordem do saber filosófico, pois foi em oposição à filosofia que a ciência ocidental se representou como forma original de racionalidade. A teorização psicanalítica, portanto, se aproxima da metafísica por sua contraposição à ciência natural. Daí o regozijo de Freud, ao cunhar o termo metapsicologia, em falar a seu amigo Fliess, em sua correspondência, que estava realizando o sonho de juventude de se tornar um filósofo. (BIRMAN, 1993, p. 16)

Sabe-se que Freud foi profundamente entusiasmado pela Filosofia. A interlocução com as reflexões filosóficas é significativa na sua obra. Mas o saber filosófico não apreende o psiquismo conforme os anseios de Freud. Numa carta escrita em Aussee, no dia 26 de agosto de 1898, Freud (apud MASSON, 1986, p. 325) fala da sua influência filosófica, sempre ressaltando a particularidade das suas hipóteses:

Outorguei a mim mesmo a tarefa de construir uma ponte entre minha metapsicologia embrionária e a que está contida na literatura especializada e, por conseguinte, mergulhei no estudo de Lipps, que suspeito ter a mente mais lúcida entre os escritores filosóficos da atualidade. Até aqui, as coisas vão indo muito bem no tocante à compreensão e à aplicação a minhas próprias hipóteses. (apud MASSON, 1986, p. 325)

Em relação à necessidade da passagem da experiência ao terreno das representações, Freud (apud MASSON, 1986, p. 181), numa carta de 2 de abril de 1896, destemidamente, expressa essa necessidade que o vincula à Filosofia porque exige que ele afaste-se do concreto e guie-se pela atividade do pensamento:

De modo geral, tenho feito bons progressos na psicologia das neuroses e tenho todos os motivos para estar satisfeito. Espero que você me empreste sua escuta também para algumas perguntas *metapsicológicas*.

[...] Se ainda nos forem assegurados mais alguns anos de trabalho tranqüilo, certamente deixaremos atrás de nós algo que justifique nossa existência. Sabedor disso, sinto-me forte diante de todas as inquietações e preocupações cotidianas. Quando jovem, eu não conhecia nenhum outro anseio senão o de conhecimentos filosóficos, e agora estou prestes a realizá-lo, à medida que vou passando da medicina para a psicologia. Tornei-me terapeuta contra minha vontade; estou convencido de que, dadas certas condições relativas à pessoa e ao caso, posso definitivamente curar a histeria e a neurose obsessiva. (apud MASSON, 1986, p. 181)

Sobre a primeira menção de Freud ao termo metapsicologia, Garcia-Roza (2004, p. 9) considera que “[...] o termo *metapsicologia* foi empregado por Freud, pela primeira vez, numa carta a Wilhelm Fliess datada de 13 de fevereiro de 1896 [...]”. Cansado das atribuições do consultório e magoado em virtude da distância e do mau-humor de Joseph Breuer, seu grande parceiro nas primeiras investigações sobre o método psicoterápico baseado na Psicanálise, Freud diz o seguinte naquela carta:

Tenho-me ocupado continuamente com a psicologia – na verdade, com a *metapsicologia*; o livro de Taine, *L’Intelligence*, caiu-me extraordinariamente bem. Espero que alguma coisa possa sair disso. De fato, as idéias mais antigas são as mais úteis, como venho descobrindo tardiamente. Espero estar bem provido de interesses científicos até o fim de minha vida. À parte isso, porém, já quase não sou humano. Às dez e meia da noite, depois do consultório, fico morto de cansaço. (apud MASSON, 1986, p. 173)

Não é irrelevante a referência de Freud – mesmo que, como ele diz, tardiamente – à utilidade das ‘idéias antigas’. A expressão metapsicologia tem a ver com a metafísica filosófica. “A homologia provocante entre meta-psicologia e meta-física não é, com certeza, fortuita.” (ASSOUN, 1996, p. 31). Segundo Ferreira (1999), a partícula *meta*, do grego *metá*, diz respeito à mudança, à posteridade, ao além, à transcendência etc. Daí a origem de expressões tais como: *metapsíquico*, *metalinguagem*, *metafísica* etc. Ou seja, para além do psiquismo, da linguagem e da física, respectivamente.

De fato, a metapsicologia não é uma teoria completa. Freud sempre alertou para o fato de que não é possível fechá-la, como se ela significasse uma teoria cujo encaixe de proposições fosse perfeito. A incompletude é inerente à natureza da metapsicologia. Ela configura-se como uma teoria inacabada. Até porque é isso que a contrapõe ao discurso filosófico.

O objeto metapsicológico, a saber, o material bruto que se manifesta na clínica por meio da fala, por ser o que há de mais empírico, constantemente, coloca à prova a teoria psicanalítica. O psiquismo, ou, dito de outra forma, o inconsciente, o objeto metapsicológico por natureza, caracteriza-se por ser inacabado. Se a estrutura da metapsicologia permanece, de alguma forma, intacta, os enunciados que a compõem são freqüentemente revisitados.

O que importa neste item é compreender a originalidade dos modelos conceituais que compõem o conjunto da teoria metapsicológica e que expressam os processos psíquicos levando em conta três pontos de vista: tópico, econômico e dinâmico.

Ao observar que é curioso o fato de Freud denominar metapsicologia o saber de referência da Psicanálise, ainda mais porque ele assim o faz para enfatizar que sua disciplina não é uma Psicologia, mas uma metapsicologia, Birman afirma:

A metapsicologia pretende ser uma leitura do psiquismo que transcenderia a da psicologia por não se restringir ao estudo das faculdades psíquicas. Pressupondo, assim, que o psiquismo é um *processo*, propõe a ele um triplo código de leitura, quais sejam, as leituras tópica, dinâmica e econômica. (BIRMAN, 2003, p. 44)

### **A Noção de “Aparelho Psíquico” e os Três Pontos de Vista: uma Ficção?**

Conceber o psiquismo como um processo, uma organização intangível de partes ou de lugares psíquicos que está sempre em curso, diferentemente da idéia de considerá-lo uma entidade material, visível e, acima de tudo, imóvel, fez com que Freud pensasse que a vida psíquica é maquinada por um aparato mental, um ‘aparelho psíquico’. Tal aparelho seria sustentado por mecanismos que o instrumentam a atingir, por meio de descargas de energia, uma finalidade específica: a busca de satisfação. Ele está sempre processando os estímulos internos e externos que afetam o psiquismo. O aparelho psíquico está sempre em movimento.

No entanto, essa noção de ‘aparelho’ que está por trás do que se designa como ‘psiquismo’ é uma abstração. Dito de outro modo, conceber um aparelho psíquico é projetar uma idéia relativa ao modo de funcionamento do psiquismo. Portanto, novamente, essa noção é efeito da transição realizada pela Psicanálise entre o puramente empírico e o

representacional. Parte-se das supostas manifestações do aparelho psíquico para depois formalizá-lo, construí-lo, elaborá-lo – à luz da metapsicologia – no campo ficcional.

Conforme Laplanche e Pontalis (2001, p. 29), o termo aparelho psíquico é uma “[...] expressão que ressalta certas características que a teoria freudiana atribui ao psiquismo: a sua capacidade de transmitir e de transformar uma energia determinada e a sua diferenciação em sistemas ou instâncias.”

O esquema da lógica do funcionamento psíquico, no qual as excitações internas e externas do pólo sensível ativam respostas no pólo motor, tal como o esquema do arco reflexo, é guiado pela descarga de energia excessiva e, conseqüentemente, através da busca de satisfação, pela retomada do equilíbrio das forças que o permeiam. O termo ‘aparelho’ aponta para a idéia de que o psiquismo, como foi dito anteriormente, executa uma tarefa, um trabalho. Freud criou esse esquema a partir de uma determinada concepção do arco reflexo segundo a qual este transmitiria totalmente a energia recebida.

Em última análise, a função do aparelho psíquico é manter ao nível mais baixo possível a energia interna de um organismo [...] A sua diferenciação em subestruturas ajuda a conceber as *transformações da energia* (do estado livre ao estado ligado) [...] e o funcionamento dos investimentos, contra-investimentos e superinvestimentos.

[...] Estas breves observações indicam que o aparelho psíquico tem para Freud um valor de *modelo*, ou [...] de “ficção”. Este modelo [...] pode ser físico; em outros pontos pode ser biológico [...] O comentário da expressão “aparelho psíquico” remete para uma apreciação de conjunto da metapsicologia freudiana e das metáforas que põe em jogo. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 30)

A metapsicologia é a tentativa de resposta às perguntas sobre o psiquismo a partir de um lugar que está aquém ou além da dimensão puramente orgânica, corpórea etc. Ela é uma aposta nas representações que são feitas do e pelo psiquismo. Freud, numa carta de 31 de agosto de 1898, redigida em Aussee, diz o seguinte:

As coisas estão indo melhor com respeito à psicologia. Encontrei a essência de meus entendimentos muito claramente explicitada em Lipps, talvez mais até do que eu gostaria. ‘Quem procura acha, freqüentemente, muito mais do que deseja!’. A consciência é apenas um órgão sensorial; todo o conteúdo psíquico é apenas uma representação; todos os processos psíquicos são inconscientes. (apud MASSON, 1986, p. 326)

“A ficção metapsicológica por excelência será [...] o aparelho psíquico.” (ASSOUN, 1996, p. 59). Freud não estava satisfeito somente com as conclusões tiradas a partir do

material empírico. “Sem especulação e teorização metapsicológica – quase disse ‘fantasiar’ –, não daremos outro passo à frente.” (FREUD, 1937, p. 257). No entanto, a proposição freudiana de leitura do psiquismo a partir do plano da abstração, puramente hipotético, inevitavelmente, exigiu que Freud tentasse compreender o psiquismo à luz de três planos, níveis ou códigos de compreensão: o tópico, o econômico e o dinâmico.

É por essa atitude de abstração intelectual, na qual os materiais obtidos na clínica psicanalítica são fundamentais e, ao mesmo tempo, insuficientes, que, no texto citado acima, Freud compara a metapsicologia com a atividade das feiticeiras. Freud (apud MASSON, 1986, p. 227), em 24 de janeiro de 1897, confessa a Fliess que a teorização metapsicológica, pelo fato de transgredir o objeto de estudo – que, por sua vez, volta-se contra si mesmo, uma vez que sujeito e objeto se fusionam –, aproxima-se da atividade das bruxas: “A idéia de trazer à cena as bruxas está ganhando força. Penso que é também apropriada. Começam a surgir detalhes em profusão.” Mais adiante, em 3 de dezembro de 1897, Freud esclarece a peculiaridade da pesquisa psicanalítica e, de certa forma, da psicológica, nas quais sujeito e objeto se confundem: “Desde que comecei a estudar o inconsciente, tornei-me muito interessante para mim mesmo. É uma pena que sempre se fique de boca fechada sobre as coisas mais íntimas.” (apud MASSON, 1986, p. 286)

Sobre o tipo de conhecimento engendrado pela metapsicologia em sua relação com a prática clínica, Assoun escreve:

Onde situar o gênero de “conhecimento” implicado pela pesquisa clínica? A referência à *experiência* parece, por si só, desqualificar o primeiro modelo [racionalista]: seríamos tentados a falar, aqui, em “empirismo radical” para designar esse papel constituinte da referência ao empirismo, essa fonte de onde o clínico retira sua única autoridade legítima em última instância. Freud, por sua vez, insiste no papel determinante da referência ao “material” (*Material*), ao qual se deve voltar incessantemente para julgar a credibilidade da menor asserção analítica. Mas o material em questão requer uma formalização específica (uma “in-formação”): aí se situa a intervenção da teoria que Freud batiza de “metapsicologia”. Ora, esta se traduz pela intervenção de um verdadeiro “fantasiar” (*Phantasieren*), que, como indica o nome, supõe “deslocar” do material no momento em que a simples descrição deste se revela insuficiente: Freud não hesita em compará-la à intervenção da “feiticeira”. É verdade que os “oráculos” dessa feiticeira metapsicologia são bem limitados: mas, precisamente, o saber analítico é constituído pela tensão entre essa referência ao imediato do real clínico e o recurso ao trabalho do conceito metapsicológico. (ASSOUN, 1996, p. 47)

Ainda o mesmo autor, quanto à mediação e à transição entre os dois níveis, o puramente empírico e o representacional, feitas pelo trabalho clínico de interpretação, afirma

que “[...] a construção metapsicológica permanece essencialmente *explicativa*. Se, todavia, um momento interpretativo se faz necessário, é no entre-dois do material clínico e do conceito metapsicológico.” (ASSOUN, 1996, p. 47)

Freud, prevendo o traço de incompletude da sua teoria metapsicológica, sintetizou desta maneira a sua intenção:

Posteriormente (em 1915) fiz uma tentativa para produzir uma “Metapsicologia”. Com isso eu queria dizer um método de abordagem de acordo com o qual todo processo mental é considerado em relação com três coordenadas, as quais eu descrevi como *dinâmica*, *topográfica* e *econômica*, respectivamente; e isso me pareceu representar a maior meta que a psicologia poderia alcançar. A tentativa não passou de uma obra incompleta; após escrever dois ou três artigos – “Os Instintos e suas Vicissitudes” (1915), “Repressão (1915), “O Inconsciente” (1915), “Luto e Melancolia” (1917) etc. – fiz uma interrupção, talvez acertadamente, visto que o tempo para afirmações dessa espécie ainda não havia chegado. (FREUD, 1925, p. 74-75)

É preciso salientar que a metapsicologia, mais do que uma tentativa, um projeto de construção teórica delimitada no tempo e exposta em determinados livros de Freud (precisamente, naqueles três textos intitulados ‘trabalhos metapsicológicos’ destacados na introdução deste trabalho, mais *O recalque* e *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*), significa a intenção do fundador da Psicanálise de elaborar uma psicologia que consiga ‘saltar’ do campo da experiência ao das representações. Portanto, há um sentido restrito e outro amplo do que significa metapsicologia.

Tomado nesse sentido mais amplo, o termo *metapsicologia* designa não apenas os artigos de 1915-1917, mas o conjunto da elaboração teórica de Freud, a produção de modelos conceituais afastados da experiência, ficções teóricas a partir das quais a própria experiência é radicalmente transformada. O termo *ficção teórica* pode causar estranheza. Afinal, costuma-se opor a liberdade imaginativa da ficção ao caráter rigoroso e restritivo da teoria. Mas, na verdade, produzir conceitos é inventar, é violentar o dado, ultrapassando-o. (GARCIA-ROZA, 2004, p. 11)

É, no entanto, na passagem citada abaixo que Freud define com precisão o termo metapsicologia:

Proponho que, quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação *metapsicológica*. (FREUD, 1915b, p. 208)

Sobre a definição de Freud transcrita acima, Garcia-Roza diz:

Tomando-se por base essa definição, outros artigos de Freud, além dos cinco integrantes do projeto original, podem também ser considerados como metapsicológicos: o *Projeto* de 1895, o capítulo VII de *A interpretação de sonhos, Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911), *Uma nota sobre o inconsciente em psicanálise* (1912), *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), *Além do princípio de prazer* (1920), *O Ego e o Id* (1923) e *Esboço de psicanálise* (1938).

A metapsicologia pretende, portanto, apresentar uma descrição minuciosa de qualquer processo psíquico quando focado sob os pontos de vista de sua localização em instâncias (ponto de vista *tópico*), da distribuição dos investimentos (ponto de vista *econômico*) e do conflito das forças pulsionais (ponto de vista *dinâmico*). (GARCIA-ROZA, 2007, p.114)

## Aspecto Tópico

À luz do aspecto tópico da metapsicologia freudiana, o psiquismo é composto por diferentes partes. Inicialmente, a Psicanálise designou essas partes de Inconsciente, Pré-consciente e Consciente. São estes os diferentes lugares que formam o aparelho psíquico. Posteriormente, o psiquismo passou a ser visto segundo a distinção entre as seguintes instâncias: id, ego e superego. Esses são os dois momentos pelos quais a Psicanálise guiou a sua investigação e que, por isso, comumente se fala em termos de duas tópicas. Segue abaixo uma definição do ponto de vista tópico:

Teoria ou ponto de vista que supõe uma diferenciação do aparelho psíquico em certo número de sistemas dotados de características ou funções diferentes e dispostos numa certa ordem uns em relação aos outros, o que permite considerá-los metaforicamente como lugares psíquicos de que podemos fornecer uma representação figurada espacialmente. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 505)

A respeito das duas tópicas citadas acima, os mesmos autores dizem:

Fala-se correntemente de duas tópicas freudianas, sendo a primeira aquela em que a distinção principal é feita entre Inconsciente, Pré-consciente e Consciente, e a segunda a que distingue três instâncias: o id, o ego e superego. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 505)

O aspecto tópico da metapsicologia identifica lugares preestabelecidos no psiquismo (num primeiro momento, Inconsciente, Pré-consciente e Consciente; num segundo, id, ego e superego) que desempenham funções diferentes.

Essas hipóteses de Freud são efeito de um contexto científico no qual avançavam os estudos da Neurologia, da Psicofisiologia e da Psicopatologia. A Psicanálise foi

profundamente influenciada pela teoria anátomo-fisiológica das localizações cerebrais que predominava na segunda metade do século XIX. Essa teoria sugere que funções especializadas ou tipos específicos de representações ou de imagens dependam de suportes neurológicos localizados. No entanto, a peculiaridade da Psicanálise foi pretender ir além do aspecto tópico, investigando o psiquismo à luz de uma explicação de tipo funcional. Já que o aparelho psíquico é composto por sistemas diferentes, esta diferenciação deve ter um significado funcional.

A idéia que permeia o aspecto tópico em torno de supostas localizações psíquicas do aparelho mental é expressa, pela primeira vez, nesta passagem, tendo como base a comparação com o aparelho óptico, como, por exemplo, um telescópio:

Por conseguinte, representaremos o aparelho mental, como um instrumento composto, aos componentes do qual daremos o nome de 'instâncias' ou (por amor a maior clareza) 'sistemas'. Deve-se prever, a seguir, que estes sistemas podem talvez ficar numa relação espacial regular uns com os outros, da mesma maneira pela qual os diversos sistemas de lentes de um telescópio são dispostos um atrás do outro. Falando de modo estrito, não há necessidade da hipótese de que os sistemas psíquicos sejam realmente dispostos numa ordem *espacial*. Seria suficiente que fosse estabelecida uma ordem fixa pelo fato de, num determinado processo psíquico, a excitação passar através dos sistemas numa seqüência *temporal* especial. (FREUD, 1900, p. 573)

No entanto, diante do fenômeno dos sonhos, Freud depara-se com as dificuldades de explicar cientificamente a teoria tópica do psiquismo. Segue abaixo uma citação do mesmo texto citado acima, que dá indícios da transição, explicitada neste trabalho, entre experiência e representação:

Não há possibilidade de *explicar* os sonhos como um processo psíquico, uma vez que explicar algo significa trazê-lo de volta até alguma coisa já conhecida e, atualmente, não existe conhecimento psicológico estabelecido ao qual possamos subordinar aquilo que o exame psicológico dos sonhos nos capacita a inferir como base de sua explicação. Pelo contrário, seremos obrigados a estabelecer um certo número de hipóteses novas que afloram experimentalmente a estrutura do aparelho mental e o jogo de forças que nele opera. Temos de ter cuidado, porém, em não seguir essas hipóteses demasiado além de seus primeiros elos lógicos ou o seu valor se perderá em incertezas. Mesmo se não fizermos inferências falsas e levarmos em consideração todas as possibilidades lógicas, a deficiência provável de nossas premissas ameaçará conduzir nossos cálculos a um malogro completo. (FREUD, 1900, p. 545)

Dentro do quadro neurológico de um aparelho psíquico composto por sistemas de neurônios que percebem os estímulos internos e externos e que, a partir disso, produzem

idéias e imagens, como Freud assim o concebeu no começo de suas pesquisas, o aspecto tópico é expresso da seguinte maneira logo na primeira frase do seu *Projeto para uma psicologia científica*:

A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. (FREUD, 1895, p. 315)

A hipótese tópica do psiquismo diz respeito à imaginação de lugares psíquicos com funções, energia de investimento e tipos de processos distintos que se especializam por meio de conteúdos representacionais. É importante lembrar, porém, que o distanciamento do campo puramente empírico e a transição ao representacional são o fio condutor do ponto de vista tópico: “Mas temos justificativa para presumir a existência dos sistemas (que não são, de modo algum, entidades psíquicas e nunca podem ser acessíveis à nossa percepção psíquica) semelhantes às lentes do telescópio, que projetam a imagem.” (FREUD, 1900, p. 649)

### **Aspecto Econômico**

Na metapsicologia, o aspecto econômico envolvido na definição de aparelho psíquico procura investigar as quantidades de energia que permeia esse aparelho, excitando-o e investindo-o. Esta é uma definição do aspecto econômico:

Qualifica tudo o que se refere à hipótese de que os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é, suscetível de aumento, de diminuição, de equivalências. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 121)

A investigação da economia do psiquismo tem como objetivo esclarecer qual é o destino das quantidades de excitações e estimar a sua grandeza. A mobilidade dos investimentos e as variações da sua intensidade, por exemplo, são fundamentais sob esse ponto de vista. O aspecto econômico é resultado de uma concepção energética do psiquismo.

A hipótese econômica está, incessantemente, presente na teoria freudiana. A idéia essencial é a de um aparelho (num primeiro momento, neurônico; num segundo, definitivamente, psíquico) cuja função é manter a energia que por ele circula no nível mais

baixo possível. Este é o *trabalho* e a *elaboração* da energia executados pelo aparelho psíquico, como foi dito no início da primeira parte deste trabalho.

Com efeito, o ponto de vista econômico é concebido como o traço mais hipotético, incerto, da metapsicologia de Freud. A energia postulada pela Psicanálise, além das variações, transformações e equivalências do circuito energético, é percebida apenas pelos seus efeitos. Nesse sentido, Freud não difere do que é pronunciado pela Física, por exemplo. As forças somente são medidas à luz dos seus efeitos. Mais adiante, na última parte deste trabalho, por meio da definição de pulsão, será colocada em discussão essa imprecisão teórica – que é inerente ao objeto de estudo – na investigação das forças que estão em jogo no psiquismo.

Freud define assim o ponto de vista econômico: “Este se esforça por levar até as últimas conseqüências as vicissitudes de quantidades de excitação e chegar pelo menos a uma estimativa *relativa* de sua magnitude.” (1915, p. 208). Enfatizando o que é uma apresentação metapsicológica, Freud diz:

Uma descrição que, ao lado dos fatores tóxico e dinâmico, procure levar ainda em conta esse fator econômico é a mais completa que podemos conceber no momento, e enfatizamos sua relevância denominando-a *metapsicológica*. (FREUD, 1920, p. 135)

O desenho metapsicológico do psiquismo é plástico. Ele tem várias formas. De fato, colocá-lo em funcionamento, integrando as formas que o compõem, é o objetivo do ponto de vista dinâmico.

### **Aspecto Dinâmico**

O ponto de vista dinâmico diz respeito ao conflito das forças psíquicas que se opõem dinamicamente. A noção de ‘conflito psíquico’ é fundamental para a compreensão desse registro na metapsicologia freudiana. Nele, há muito mais do que a noção de força. A Psicanálise considera que existe, no centro do psiquismo, um jogo de forças opostas, a saber, o dualismo pulsional. ‘Dinâmico’ é o que qualifica o inconsciente, pois nele é exercida uma ação permanente, que exige uma força contrária, igualmente permanente. A resistência dos pacientes observada na clínica, por exemplo, comprova esse caráter dinâmico do psiquismo.

Laplanche e Pontalis (2001, p. 119), comprovando que o terreno das pulsões é o fio condutor da metapsicologia, definem o registro dinâmico da seguinte forma: “[...] qualificação de um ponto de vista que considera os fenômenos psíquicos como resultantes do conflito e da composição de forças que exercem uma certa pressão, sendo essas forças, em última análise, de origem pulsional.”

Birman salienta a importância do circuito pulsional na dinâmica do psiquismo da seguinte forma:

[...] a metapsicologia não se identifica absolutamente com a psicologia, na medida em que esta pretende realizar o estudo da consciência e a psicanálise se funda na pesquisa do inconsciente. Centrada no inconsciente, a psicanálise pretende ultrapassar o registro da consciência e se aproximar do funcionamento das pulsões. Vale dizer, a psicanálise não é uma psicologia das faculdades e do eu, baseada na introspecção, mas pretende ser uma *analítica do sujeito*, centrada na palavra e na escuta, baseando-se para isso na interlocução psicanalítica. Pretende-se, com isso, a transformação da economia libidinal e do funcionamento pulsional do sujeito. Enfim, no discurso freudiano, a psicanálise é inseparável de uma prática de transformação do sujeito, de um *ato* que tenha uma incidência radical em sua economia pulsional. (BIRMAN, 1994, p. 19)

Resta averiguar como Freud ultrapassa o dado, o material empírico. Para afastar-se da experiência e guiar-se pelas representações que dela são feitas, este trabalho sugere a hipótese de que Freud investe num conceito que lhe é muito importante para tal intenção: o conceito de pulsão. A importância desse conceito para a construção de uma teoria metapsicológica é que ele põe em evidência a fronteira existente entre o somático e o psíquico, o campo puramente empírico e o representacional. Freud efetua esse salto, essa passagem, orientando-se pela teoria das pulsões. A elaboração de modelos conceituais afastados da experiência é sustentada pelo conceito de pulsão.

### **A Teoria Dual das Pulsões na Elaboração e na Apresentação Metapsicológicas**

A construção metapsicológica estrutura-se por meio de um conceito específico da obra de Freud, a saber, o conceito de pulsão. Esse conceito põe em jogo aqueles movimentos de transição entre experiência e representação e, conseqüentemente, a concepção elucidada anteriormente de que o psiquismo é um processo, oposto à idéia de que ele pudesse ter uma realidade ontológica determinada, palpável etc. É por intermédio do conceito de pulsão que a Psicanálise sustenta o conjunto de modelos teóricos que a embasa e, conforme se pôde

depreender ao longo das duas partes iniciais deste trabalho, afasta-se da experiência e aproxima-se do terreno da ficção. A implicação e o estatuto da teoria das pulsões para a efetivação do trânsito entre experiência e representação, não só na constituição do sujeito, mas na teoria metapsicológica, é o que será debatido nesta última parte deste trabalho.

### **A Definição de Pulsão Como um Conceito-Limite: na Fronteira Entre o Psiquismo e o Corpo**

O conceito de pulsão diz respeito a um processo dinâmico que exerce pressão ou força e que incita e coloca o organismo em atividade. A partir disso, o organismo dirige-se, permanentemente, a um objetivo. Esse processo pulsional que pressiona e impulsiona o indivíduo origina-se no corpo, numa excitação corporal. A fonte de uma pulsão é essa excitação, um estado de tensão pelo qual passa o organismo. Dito isso, considera-se que uma pulsão, invariavelmente, tende à obtenção de prazer, de satisfação. A supressão daquele estado de tensão é o objetivo, a meta de uma pulsão.

Mesmo que só tenha aparecido em 1905, na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o termo pulsão remonta à noção energética que subjaz à distinção que, no início das suas pesquisas, Freud fez entre dois tipos de excitação a que o organismo está submetido, uma interna e outra externa. À luz do imperativo da busca de prazer, de satisfação, de apaziguamento daquele estado de tensão, o organismo precisa descarregar as excitações internas e externas que o estimulam. Se das excitações externas o organismo pode se proteger ou fugir, com relação às excitações internas a situação é diferente: o afluxo dessas excitações é constante e dele o organismo não pode escapar. As excitações provenientes das fontes internas são o que põem o aparelho psíquico em atividade.

Pulsão significa um impulso, uma pressão irrefreável, inconsciente, que provoca o psiquismo. Freud, ao longo da sua obra, fala em termos de *instinto* e de *pulsão*, sempre procurando diferenciá-los. Instinto é um comportamento animal fixado por hereditariedade, pré-formado e adaptado ao seu objeto. Já uma pulsão não tem uma meta e um objeto específico. Ao contrário, o objeto de uma pulsão é variável, contingente, dependente da história de cada sujeito. Baseando-se no estudo das perversões e das especificidades da sexualidade infantil, Freud define o conceito de pulsão da seguinte maneira:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. (FREUD, 1905, p.157-158)

Portanto, essa força que ataca o organismo a partir do seu interior e que o incita a descarregar a excitação interna é o que coloca em evidência a fronteira existente entre o somático e o psíquico. A passagem entre o puramente empírico e o representacional é alicerçada pela pulsão, não só no desenvolvimento do psiquismo, mas na construção e na apresentação da teoria metapsicológica. O puramente empírico só se manifesta e é expresso por representantes, uma espécie de delegação dada pelo somático ao psiquismo. Essa é a importância, acima de tudo, teórica, de uma pulsão, um conceito-limite que se situa na fronteira entre o corpo e o psiquismo.

### **A Ficção Pulsional**

O conceito de pulsão é o ponto da teoria psicanalítica que, além de ser fundamental para a compreensão de toda a série de modelos conceituais que a embasam, mais se aproxima da ficção. Deve-se considerá-lo como uma ficção. “A pulsão não é uma descoberta freudiana, mas uma produção teórica de Freud. Portanto, no sentido mais estrito da palavra, ela é uma *invenção*.” (GARCIA-ROZA, 2003, p. 14). Essa invenção articula o conjunto dos conceitos que formam a teoria psicanalítica. Esse é o valor e o estatuto do conceito de pulsão para a Psicanálise. Ele não é resquício, simplesmente, da metafísica filosófica, da tradição que cristalizou a distinção entre mente e corpo, mas uma abstração, uma hipótese que ocupa uma posição fundamental no âmago de uma teoria. O conceito de pulsão teve que ser formulado, configurando-se como uma espécie de exigência de trabalho do que se observa na clínica, no puramente empírico, à teoria metapsicológica. A pulsão, por meio dos seus representantes, trabalha para dar significado ao corpo.

A especificidade do conceito de pulsão está na sua importância – mais do que teórica – prática para a efetivação do trânsito operado pela Psicanálise entre experiência e representação. Esse conceito recusa dar a si mesmo a transparência e a clareza pretendidas

pelos conceitos das demais ciências. Da mesma forma que aponta para a teoria, ele dirige-se para aquilo que escapa ao olhar conceitual. Garcia-Roza (2003) afirma que é por intermédio de metáforas que é possível falar da pulsão.

### **Pulsão e Representação**

A pulsão está relacionada à noção de ‘representante’ pela qual Freud compreende o trabalho delegado pelo somático ao psíquico.

O psíquico se origina do somático, mas as relações entre ambos não são simples e diretas, pois é necessário um “trabalho” psíquico para que a passagem possa realizar-se. Antes de mais nada, este “trabalho” pretende dominar as “excitações” corporais [...] Este “trabalho” de ligação das “excitações” corporais é a fonte originária específica da psique, considerada como o espaço simbólico onde as “excitações” corporais se inscrevem no universo da representação. (BIRMAN, 1991, p. 94)

É a situação de fronteira na qual é concebida a pulsão que faz com que Freud recorra à noção de representante que envolve o corpo e o psíquico. A ordenação (mítica) das pulsões se inscreve no universo da representação. Inicialmente, a pulsão tem a sua fonte em fenômenos orgânicos geradores de tensões internas a que o sujeito não pode escapar. Um bebê agita-se porque está com fome. Nesse momento, a tensão é orgânica, relacionada à nutrição. Em seguida, é com a entrada no mundo simbólico que o psiquismo confere representações que significam aquilo que, num primeiro momento, é desordenado, sem palavras, inconsciente etc. O bebê passa a querer reproduzir a percepção anterior de saciação de uma tensão, a fome, que é uma necessidade.

“Portanto, inicialmente podemos descrever a essência da pulsão a partir de suas principais características: sua proveniência de fontes de estímulo no interior do organismo e sua manifestação como força constante.” (FREUD, 1915a, p. 147). No entanto, uma pulsão só se manifesta por representantes. Ainda no mesmo texto citado anteriormente, no qual consta a descrição dos quatro elementos que envolvem uma pulsão (pressão, fonte, objeto e meta) e a apresentação da definição do conjunto da pulsão, Freud (1915a, p. 148) conceitua-a como “[...] um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo.”

A teoria pulsional da Psicanálise, analisada segundo o modelo da sexualidade, mais do que falar em pulsão sexual, procura contrapô-la a outras pulsões. A teoria das pulsões é dualista. Num primeiro momento, o dualismo evocado é o das pulsões sexuais e das pulsões do ego ou de autoconservação. As grandes necessidades ou as funções indispensáveis à conservação do indivíduo, cujo protótipo é a fome e a alimentação, vinculam-se às últimas pulsões. As pulsões sexuais destacam-se das de autoconservação em que, inicialmente, estavam apoiadas.

Primeiramente, as pulsões sexuais existem de modo indiferenciado, indeterminado, assumindo muitas formas, ou seja, num estado ‘polimorfo’. Nesse momento, elas são parciais e buscam suprimir a tensão corporal. Depois, essas pulsões se ligam a representantes que especificam o objeto e o modo de satisfação. O destino de uma pulsão, portanto, é marcado por traços que são individuais. “Enfim, o inconsciente e o sujeito do inconsciente são destinos privilegiados de pulsões originariamente caóticas e irrepresentáveis.” (BIRMAN, 1997, p. 36). Por isso, enquanto fundamental para a compreensão da metapsicologia e do sujeito por ela descrito, que o conceito de pulsão é imprescindível para a prática clínica (HANNIS, 1999).

### **Experiência E Representação**

Uma pulsão se exprime no registro da representação. Um ato torna-se um conteúdo concreto por meio daquilo que o representa. Uma representação é aquilo que do objeto inscreve-se nos sistemas mnêmicos (relativos à memória). Do ponto de vista freudiano, a memória não é rigorosamente empírica, um recipiente puro de imagens. Ela é composta por sistemas, nos quais a lembrança é multiplicada em séries distintas de associações. Essa é a noção lingüística de significante, por exemplo.

A distinção de Freud, utilizada nos seus textos metapsicológicos, entre ‘representações de coisa’ e ‘representações de palavra’ discrimina dois níveis de representações. O primeiro, mais primitivo, imediato e essencialmente visual, caracterizando o sistema inconsciente, relaciona-se com a coisa, o puramente empírico; o segundo, mais elaborado, indireto e de base acústica, comporta traços mnêmicos que, conscientemente, ligam-se a outros significantes. Na Psicanálise, essa é a diferenciação entre ‘processo primário’ e ‘processo secundário’.

É essencial notar que um representante psíquico é sempre variável, justamente porque a transição entre o puramente empírico e o representacional não é feita por correspondência total, harmônica, ideal etc. Em 1917, em *Luto e Melancolia*, Freud procura esclarecer a natureza da melancolia, comparando-a com o afeto envolvido no processo de luto normal. Ao discorrer sobre as diferenças e as semelhanças entre esses dois sentimentos, Freud lança as bases para a compreensão de que uma pulsão, por meio dos seus representantes, trilha caminhos que, invariavelmente, são diferentes. O luto, em geral, é a reação à perda de uma pessoa amada. “Cada uma das lembranças e expectativas que vinculavam a libido ao objeto é trazida à tona e recebe uma nova camada de carga, isto é, de sobreinvestimento.” (FREUD, 1917, p. 104). A melancolia, porém, mesmo que os sentimentos sejam muito parecidos aos do luto, é a reação à perda de um objeto amado na qual o caminho de uma pulsão é retornar ao domínio do indivíduo. Um representante psíquico é sempre plástico. Na melancolia, essa plasticidade dos representantes pulsionais é assim expressa:

A libido então liberada, em vez de ser transferida a outro objeto, foi recolhida para dentro do Eu. Lá essa libido não foi utilizada para uma função qualquer, e sim para produzir uma *identificação* do Eu com o objeto que tinha sido abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu. A partir daí uma instância especial podia julgar esse Eu como se ele fosse um objeto, a saber: o objeto abandonado. (FREUD, 1917, p. 108)

Assim, uma pulsão, mais do que se expressar por meio de representantes, revela-se também por afetos. A expressão psíquica das excitações endossomáticas designa dois registros, o dos representantes e o dos afetos.

## **Afetos**

Afeto é um termo que designa, na Psicanálise, qualquer estado afetivo, doloroso, vago etc. Toda pulsão se exprime por afeto ou por representação. “O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 9). Logo nos primeiros trabalhos de Freud sobre a histeria, a origem do sintoma histérico é compreendida à luz do recalçamento de um afeto cuja representação é desagradável, traumática. O resultado disso é que uma representação não está necessariamente ligada a um afeto.

Um afeto é a tradução subjetiva da quantidade de energia pulsional. Há, portanto, um aspecto subjetivo do afeto e outro relativo a processos energéticos que o condicionam. Esses processos são o ‘quantum de afeto’, a sua tradução econômica. O afeto, bem como os representantes, toma rumos diferentes conforme a história individual que o sustenta.

### **Considerações Finais**

É por intermédio do conceito de pulsão que a metapsicologia freudiana estabelece um discurso no qual os enunciados são elaborados e trabalhados de forma distante da experiência. Pulsão é um conceito que, além de descrever o sujeito da Psicanálise, realiza um trabalho operatório na construção e na apresentação metapsicológicas. O ‘salto’ efetuado pela teoria psicanalítica da experiência às representações, conforme a última parte deste trabalho, é delineado pela pulsão e por aquilo que é capaz de representá-la. É somente por meio de representantes e de afetos que uma pulsão adquire expressão. Essa é a função operatória e a implicação do conceito de pulsão na metapsicologia de Freud.

Neste trabalho, buscou-se uma definição do conceito de metapsicologia, caracterizando-a como uma construção teórica na qual pesquisa e psicoterapia são a mesma coisa. De forma idêntica, definiu-se metapsicologia como um conjunto de proposições sobre o inconsciente, o qual não pode ser verificado materialmente, pois apela a abstrações no momento da elaboração dos seus enunciados. Por isso, torna-se necessário, na pesquisa psicanalítica, recorrer ao conceito metapsicológico que mais se aproxima da ficção. No entanto, procurou-se demonstrar que essa característica que aproxima a metapsicologia do terreno das ficções é o que permite autorizá-la a elaborar modelos que expressam o psiquismo. O inconsciente só se apresenta à medida que a pesquisa metapsicológica se deixa tomar pelas suas formações do inconsciente.

Também no item citado no parágrafo acima que a Psicanálise foi distinguida dos saberes científico e filosófico. As aproximações e as contraposições psicanalíticas à Filosofia e à Ciência são importantes porque deixam claro o que representa pôr o inconsciente em discussão. Para tanto, estudou-se a relevância do espaço entre experiência e representação. Nele, é fundamental que se estabeleçam hipóteses que possam transitar entre o corpo e o psíquico.

O fio condutor do restante deste trabalho foi o debate, iniciado na segunda parte, acerca da idéia de um aparelho psíquico. Posto em ligação com o mundo, com o puramente empírico, por meio das pulsões e analisado à luz de três pontos de vista – tópicos, econômico e dinâmico –, tal aparelho que envolve o psiquismo é a metáfora principal da metapsicologia.

Por fim, na terceira parte, constatou-se que a teoria metapsicológica, bem como o aparelho psíquico, só adquire sentido se relacionada com as pulsões. O circuito pulsional trata de realizar, de intermediar as transições entre experiência e representação. Assim, foram feitos esclarecimentos sobre as representações e os afetos que são delegados do corpo ao psíquico – assim como à metapsicologia – com o propósito de que o funcionamento do psiquismo possa ser circunscrito teoricamente. A posição fronteiriça na qual se apresenta uma pulsão é a mesma que, grosso modo, sustenta a teoria metapsicológica, que também está entre o puramente empírico, o corpo, e o representacional, o psíquico. Considerada como um entendimento clínico, a metapsicologia baseia-se nas pulsões para representar o funcionamento do psiquismo.

### Referências

ASSOUN, Paul Laurent. **Metapsicologia freudiana: uma introdução**. Traduzido por Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 292 p.

BIRMAN, Joel. **Ensaio de teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: 34, 1997. 240 p.

\_\_\_\_\_. **Freud e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 77 p.

\_\_\_\_\_. **Freud e a interpretação psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991. 248 p.

\_\_\_\_\_. **Psicanálise, ciência e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça; SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. **Psicologia, uma (nova) introdução**: uma visão histórica da psicologia como ciência. 2.ed. São Paulo: EDUC, 2003. 98 p.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. **Revisitando as psicologias**: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 183 p.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. [1900]. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Traduzido por Jayme Salomão *et al.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 5.

\_\_\_\_\_. **Além do princípio de prazer**. [1920]. In: \_\_\_\_\_. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Traduzido por Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. **Análise terminável e interminável**. [1937]. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Traduzido por Jayme Salomão *et al.* Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. 23, p. 239-287.

\_\_\_\_\_. **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. [1916-17]. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Traduzido por Jayme Salomão *et al.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 15.

\_\_\_\_\_. **Dois verbetes de enciclopédia**: (A) psicanálise. [1923]. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Traduzido por Jayme Salomão *et al.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18, p. 287-307.

\_\_\_\_\_. **Luto e melancolia**. [1917]. In: \_\_\_\_\_. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Traduzido por Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. **O inconsciente**. [1915b]. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Traduzido por Jayme Salomão *et al.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14.

\_\_\_\_\_. **Projeto para uma psicologia científica**. [1895]. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Traduzido por Jayme Salomão *et al.* Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Pulsões e destinos da pulsão**. [1915a]. In: \_\_\_\_\_. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Traduzido por Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

\_\_\_\_\_. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. [1905]. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Traduzido por Jayme Salomão *et al.* 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989, v. 7.

\_\_\_\_\_. **Um estudo autobiográfico**. [1925]. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Traduzido por Jayme Salomão *et al.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 21, p. 13-92.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição**: uma introdução à teoria das pulsões. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 128 p.

\_\_\_\_\_. **Freud e o inconsciente**. 22. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 236 p.

\_\_\_\_\_. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. v. 1.

HANNS, Luiz Alberto. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. Traduzido por Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904**. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MEZAN, Renato. **Figuras da teoria psicanalítica**. São Paulo: EDUSP, 1995. 152 p.